



COLIN JONES

A queda de Robespierre

24 horas
que definiram
o rumo da
Revolução
Francesa

CRÍTICA

TRECHO INAPROPRIADO PARA VENDA PROIBIDA

COLIN JONES

A queda de Robespierre

24 horas
que definiram
o rumo da
Revolução
Francesa

Tradução

Diego Franco Gonçalves

Revisão técnica

Daniel Gomes de Carvalho

CRÍTICA

Copyright © Colin Jones, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Diego Franco Gonçalves, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Fall of Robespierre: 24 Hours in Revolutionary Paris*

Coordenação editorial: Sandra Espilotro
Preparação: Ligia Alves
Revisão técnica: Daniel Gomes de Carvalho
Revisão: Carmen T. S. Costa e Ana Maria Barbosa
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Elmo Rosa
Imagem de capa: Pierre Louis Grevedon. *Retrato de Maximilien Robespierre (1824)*/Wikimedia/
The Trustees of the British Museum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jones, Colin

A queda de Robespierre / Colin Jones ; tradução de Diego Franco Gonçalves ;
revisão técnica de Daniel Gomes de Carvalho. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
672 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-3745-0

Título original: *The Fall of Robespierre*

1. Revoluções - França - História - Séc. XVIII I. Título II. Gonçalves, Diego Franco
III. Carvalho, Daniel Gomes de

25-2996

CDD 944.04

Índice para catálogo sistemático:

1. Revoluções - França - História - Séc. XVIII



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Prefácio e abreviaturas	19
Lista de mapas	21
Introdução: A queda de Robespierre em detalhes	23
Prelúdio: Por volta da meia-noite	35
<i>Alojamento de Rousseville, rua Saint-Honoré (Tulherias) – Andanças de Vernet: da Place du Trône-Renversé (Montreuil/Quinze-Vingts) à rua de Birague (Arsenal) – Prisão de La Force (Droits-de-l'Homme) – Alojamento de Legracieux, rua Denfert (Chalier) – Casa de Guittard de Floriban, rua des Canettes (Mutius-Scévole)</i>	
PARTE I: ELEMENTOS DA CONSPIRAÇÃO (DA MEIA-NOITE ÀS CINCO DA MANHÃ)	
Meia-noite	53
<i>Alojamento de Robespierre, rua Saint-Honoré, 366 (Piques)</i>	
1h	71
<i>Sede do CSP, Palácio das Tulherias (Tulherias)</i>	
2h	87
<i>Escritórios do CSP, Palácio das Tulherias – Sede do CSP, Palácio das Tulherias – A missão de Tallien: as ruas de Paris</i>	

3h	100
<i>Pela cidade – Prisão Conciergerie, Palais de Justice, Ile de la Cité (Révolutionnaire) – Prisão Bénédictins-Anglais, rua Saint-Jacques (Observatoire)</i>	

4h	116
<i>Vários locais, escritórios do CSP, Palácio das Tulherias</i>	

PARTE II: PREPARATIVOS DE UM DRAMA (DAS CINCO DA MANHÃ AO MEIO-DIA)

5h	137
<i>Ruas que levam a Les Halles (Marchés)</i>	

6h	151
<i>Alojamento de Robespierre, rua Saint-Honoré, 366</i>	

7h	165
<i>Escritórios municipais, Maison Commune (Maison-Commune) – Place du Panthéon (Panthéon) – Seção de Jacques-Louis Ménétra (Bon-Conseil)</i>	

8h	181
<i>École de Mars, Plaine des Sablons, Neuilly – As ruas da cidade</i>	

9h	194
<i>Escritórios da Administração Municipal de Polícia, Mairie, Ile de la Cité (Révolutionnaire) – Itinerário de Giot: rua de Hautefeuille (Marat), Panthéon (Panthéon), Prisão de Temple (Temple)</i>	

10h	208
<i>Tribunal Revolucionário, Palais de Justice, Ile de la Cité (Révolutionnaire) – Percurso de Thibaudeau: da rua Hautefeuille (Marat) ao Palácio das Tulherias – Alojamento de Robespierre, rua Saint-Honoré, 366</i>	

11h	222
<i>Palácio e jardins das Tulherias – Antessala do Palácio da Convenção e arredores do Palácio das Tulherias – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Sede do CSP, Palácio das Tulherias</i>	

PARTE III: UM GOLPE PARLAMENTAR (DO MEIO-DIA ÀS CINCO DA TARDE)

Meio-dia	237
<i>Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias</i>	

13h	248
<i>Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Jardins das Tulherias – Galerias públicas, Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Pela cidade</i>	

14h	264
<i>Salle de l'Égalité, Maison Commune – Tribunal Revolucionário, Palais de Justice, Ile de la Cité – Maison Penthievre, Place des Piques (Piques) – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Escritórios da Administração de Polícia, Ile de la Cité e reuniões seccionais – Pela cidade</i>	

15h	285
<i>Quartel-General da Guarda Nacional, rua du Martroy (Maison-Commune) – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Pátio, Palais de Justice, Ile de la Cité – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Andanças de Hanriot: as seções a leste – Pela cidade: reuniões de comitês seccionais</i>	

16h	303
<i>Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Casa de Vergne, Ile Saint-Louis (Fraternité) – Prisão de La Force – Pátio da Conciergerie, Palais de Justice, Ile de la Cité – Sede do CSP, Palácio das Tulherias – Place de la Maison Commune (ou Place de Grève) (Arcis) – Mairie e QG da Administração de Polícia, Ile de la Cité – A incursão de</i>	

Hanriot: da Maison Commune ao Palácio das Tulherias – Escritórios do CSG, Hôtel de Brionne (Tulherias)

**PARTE IV: UMA JOURNÉE PARISIENSE
(DAS CINCO DA TARDE À MEIA-NOITE)**

17h 325

Théâtre de la République, arredores do Palais-Royal (Montagne) – Ruas da cidade – Quartel-General da Administração de Polícia, Mairie, Ile de la Cité – Place de la Maison Commune – Escritórios do CSG e CSP, complexo do Palácio das Tulherias – Place de la Maison Commune – Câmara do Conselho da Maison Commune – Sede do CSG, Hôtel de Brionne – Casa de Vergne, Ile Saint-Louis

18h 342

Câmara do Conselho, Maison Commune – Alojamento de Fouquier-Tinville, Palais de Justice, Ile de la Cité – Place du Carrousel (Tulherias) – Place du Trône-Renversé – Câmara do Conselho, Maison Commune – Mairie e Administração de Polícia, Ile de la Cité – Prisão de Talaru (Montagne) e rede prisional – Rua Saint-Guillaume (Fontaine-de-Grenelle)

19h 359

Place de la Maison Commune – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Maison Commune – Clube Jacobino (Montagne) – Prisão do Luxembourg (Mutius-Scévole) – O ataque de Coffinhal: rua Saint-Honoré (Tulherias) – Quartel-General da Administração de Polícia, Mairie, Ile de la Cité – Pela cidade

20h 379

Quartel-General da Administração de Polícia, Ile de la Cité – Escritório de Fouquier-Tinville, Palais de Justice, Ile de la Cité – Maison Commune – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Place du Carrousel – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Place du Carrousel – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias

– Sede do CSP, Palácio das Tulherias – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias

21h 402

Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Arredores do Palácio das Tulherias – Place de la Maison Commune – Câmara do Conselho, Maison Commune – Pela cidade – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Maison Commune – Quai de Gesvres (Arcis)

22h 421

Quartel-General da Administração de Polícia, Mairie, Ile de la Cité – Maison Commune – Pela cidade – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Clube Jacobino – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Maison Commune – Seção Guillaume-Tell e pela cidade – Prisões de Paris

23h 443

Salle de l'Égalité, Maison Commune – Café des Subsistances, Palais de Justice, Ile de la Cité – Pela cidade – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Seção Lombards e pela cidade – Seção Révolutionnaire – Place Saint-Sulpice (Mutius-Scévole) e pela cidade – Place de la Maison Commune e Place du Carrousel – Maison Commune

**PARTE V: MEIA-NOITE, PERTO DA MEIA-NOITE,
DEPOIS DA MEIA-NOITE**

Meia-noite 469

Salle de l'Égalité, Maison Commune

Perto da meia-noite 476

Alojamentos privados, Quai de l'École (Muséum) – Palácio da Convenção, Palácio das Tulherias – Place de la Maison Commune – Mairie, Ile de la Cité – Prisão de Temple – Maison Commune – Seção Gravilliers – Pela cidade – Acampamento da École de Mars, Plaine des Sablons – O trajeto de Guyot: da Maison Commune à seção

Sans-Culottes – A expedição de Bourdon: da seção Gravilliers à Place de la Maison Commune

Depois da meia-noite. 496

Posfácio: 9 Termidor, de longe 507

*Contra o povo – Conspiração contra Robespierre: um mito? –
Robespierre conspirador? – A Comuna e o povo – Opinião pública
rediviva – A escolha do povo: instituições acima de personalidades*

Notas 535

Lista de personalidades 615

Nota sobre as fontes 623

Bibliografia e fontes impressas 629

Índice. 655

PARTE I

ELEMENTOS DA CONSPIRAÇÃO

(da meia-noite às cinco da manhã)

Paris está dormindo. Desde a tomada da Bastilha, em julho de 1789, a cidade tem vivido um dos episódios mais turbulentos e ardentes de sua história. A jovem República francesa está no auge de uma luta de vida ou morte contra as forças armadas combinadas do Ancien Régime europeu, enquanto também se esforça para dominar a dissensão nacional e o conflito civil. Embora eleita democraticamente, a Convenção Nacional suspendeu os procedimentos democráticos normais e adotou o uso do terror como meio de vencer a oposição.

A guerra e o terror transformaram a cidade, dotando seus habitantes de um novo tipo de energia política. Maior cidade da Europa continental, Paris já desfrutou da reputação de lar hedonista da polidez europeia, do pensamento esclarecido e dos prazeres do consumo. Agora, os parisienses veem a si mesmos como a vanguarda da transformação democrática da história mundial.

A política, desde 1789, tem sido uma crônica de crises recorrentes e mudanças abruptas de direção, e uma nova crise está se formando. Tudo gira em torno de uma das principais figuras da Revolução, Maximilien Robespierre. Robespierre tem um prestígio excepcional como patriota e democrata. O mais eloquente e incorruptível dos defensores do povo, ele atualmente é membro-chave de um governo que parece estar mais do que sobrecarregado. No entanto, neste momento, enquanto a maioria dos parisienses dorme em suas camas, Robespierre está avaliando sua posição. Ele percebe que seus inimigos o estão retratando como um ditador, um tirano em formação. Neste exato momento, ele teme que haja pessoas conspirando contra ele como se suas vidas dependessem disso. De fato dependem. E de fato conspiram.

MEIA-NOITE

Alojamento de Robespierre,
rua Saint-Honoré, 366 (Piques)

Não espero nada dos montanheses; eles querem acabar comigo como se eu fosse um tirano; mas a maioria na Convenção me dará ouvidos.

Robespierre está conversando com seu senhorio, o mestre marceneiro Maurice Duplay, em seu alojamento na rua Saint-Honoré, 366. Ultimamente, ele tem ido dormir cedo. Isso não foi possível esta noite.

O longo e emocionante discurso de Robespierre na Convenção no início do dia foi o primeiro desde meados de junho. Ele pode ter arrebatado o provinciano Stanislas Legracieux, um espectador jacobino, mas também provocou uma oposição furiosa e pessoal entre muitos deputados, inclusive seus habituais aliados políticos de longo prazo, os deputados radicais da chamada Montagne, ou “Montanha”. (No Manège, o local de reuniões da Convenção até maio de 1793, o grupo ganhou o nome por colonizar os assentos mais no alto.) Esta noite, Robespierre repetiu seu discurso da Convenção no, de modo geral, mais simpático fórum do Clube Jacobino. O Clube é a principal associação política da República, uma câmara de debates que forma as políticas que os deputados levam para a legislatura. Suas galerias são abertas ao público em geral, e os membros da República podem se inscrever se pagarem uma contribuição substancial. O Clube também serve como núcleo de uma vasta rede de clubes e associações afiliadas de todo o país, reunindo, provavelmente, mais de 150 mil membros. As reuniões do Clube raramente passam muito das 22 horas, mas a de hoje foi

uma exceção. Embora seu discurso tenha encontrado forte oposição, suas demandas por expurgos políticos para esmagar as conspirações que ameaçam a República acabaram sendo aclamadas com entusiasmo, como Legracieux euforicamente observou, em debates tempestuosos que atrasaram seu retorno para casa.

Com sua oratória, Robespierre elevou as apostas políticas a um novo nível – mas ele se sente vingado. Ele vem discursando sobre a Conspiração Estrangeira e outras conspirações há tanto tempo que parecia estar falando para as paredes. Hoje a Convenção lhe deu evidências assertivas para provar seu argumento: há uma conspiração evidente contra ele, sendo liderada por seus antigos aliados montanheses na Convenção, segundo os quais ele aspira à ditadura. Eles julgam que uma tirania está à espreita.

A força teórica da Convenção é de 749 deputados. Cerca de um terço deles é considerado montanhês. O restante se equilibra entre o centro, muitas vezes menosprezado como “a Planície”, ou “o Pântano” (ou *Marais*), e as fileiras cada vez menores da direita. Apesar de seu status minoritário, o enérgico e determinado grupo dos montanheses conseguiu, há pouco mais de um ano, impor amplamente sua vontade coletiva sobre a política governamental dos rumos da Revolução. Os homens da Planície carecem de coordenação – bem como de coragem e visão – para testar sua vantagem numérica. Os cerca de cem deputados substitutos que ocuparam as cadeiras daqueles que foram expurgados, que renunciaram ou morreram no cargo estão provavelmente entre os mais reticentes. Mas Robespierre agora parece estar pensando – ao se deparar com uma conspiração flagrante nas bancadas montanhesas – que este é o momento para ele mobilizar exatamente esses indivíduos moderados, que formam “a maioria da Convenção” (segundo ele observa), como uma força para salvar a República e, de fato, a si mesmo.

Será que Robespierre refletiu por um instante, alguém pode se perguntar, enquanto deixava Duplay rumo ao seu quarto com o relógio apontando que passa da meia-noite, que hoje faz um ano que, em 27 de julho de 1793, ele foi eleito para o CSP? Ele respeita aniversários: costuma não faltar às comemorações do 14 de Julho. Talvez também se lembre de que 6 de maio de 1789, quando o Terceiro Estado começou sua resistência a Luís XVI, no início da Revolução, era o dia de seu

próprio aniversário. No entanto, agora sua mente precisa se concentrar no futuro imediato e não no que deve parecer um passado distante. Felizmente, seu pequeno e espartano quarto alugado oferece poucas distrações para o pensamento. Por mais de um mês, ele tem feito pouco mais que isso. Evitando deliberadamente a Convenção e o CSP, ele se manteve isolado aqui em seu alojamento, exceto para passear com seu cachorro, um mastim chamado Brount, nos limites da cidade, e para visitas noturnas ao Clube Jacobino, convenientemente perto da residência de Duplay. Duplay é um jacobino, e proprietário e inquilino costumam frequentar o Clube juntos.

Robespierre era um obscuro advogado provincial em Arras quando, em 1789, foi eleito pela província de Artois para os Estados Gerais. Na nova Assembleia Nacional Constituinte, e depois no Clube Jacobino, ele conquistou uma sólida reputação como defensor inabalável das classes populares e da causa da soberania popular. Inimigos de direita o apelidaram desdenhosamente de “Deputado Populomaniaco” e “o Dom Quixote do Povo”, mas ele nunca hesitou em disparar discursos inflamados contra figuras proeminentes do novo regime que, em sua opinião, enganavam o povo: Mirabeau, por exemplo, o eminente, mas corrupto, líder na Assembleia Constituinte; Lafayette, comandante da GN de Paris; Dumouriez, o general “patriota” favorito dos girondinos, que se tornou um traidor e fugiu para a Áustria; e o mexeriqueiro e problemático duque de Orleans, primo de Luís XVI. “O Incorrupível”, como ficou conhecido, estava acima da moral política da tantas vezes comprometida nova elite dos políticos. Ele afirmava, e ainda afirma, não apenas representar o povo, mas, em certo sentido orgulhoso, até mesmo incorporá-lo: “*je suis peuple*”. Essa identificação é baseada em uma crença vaga, mas virtuosa, na bondade perene do povo, sempre sob o risco das mãos corruptas dos grandes e poderosos.

O duplo comprometimento de Robespierre com a causa popular e o Clube Jacobino não vacilou nem mesmo nos dias sombrios que se seguiram à tentativa do rei Luís XVI de escapar de Paris na chamada “Fuga para Varennes”, em junho de 1791. O rei nunca entendera de fato a causa da Revolução, muito menos simpatizara com ela. Arrastado para fora de Versalhes em outubro de 1789, ele e sua família foram alojados no Palácio das Tulherias, no centro de Paris. Livres na teoria, eles

instantaneamente se sentiram prisioneiros. A decisão de Luís de tentar fugir da cidade dividiu a classe política, causando uma grande cisão entre os jacobinos. Mesmo antes de o rei humilhado ser trazido de Varennes de volta à capital, onde ele e a família foram interceptados, o apoio ao republicanismo floresceu entre os membros do Clube Jacobino – mas não entre os deputados. Todos estes últimos, com exceção de Robespierre e de um punhado de outros, abandonaram o Clube, criando o novo (ainda que de curta duração) Clube dos Fuldenses.

Na Assembleia, os fuldenses adotaram a política de apoiar o monarca errante como forma de forçá-lo a legitimar uma nova Constituição. Nessa situação delicada, a GN de Paris, sob o comando de Lafayette, reprimiu brutalmente uma manifestação popular que pedia a destituição do rei, realizada no Campo de Marte, no canto sudoeste da cidade, em 17 de julho de 1791. Seguiu-se uma campanha de perseguição a radicais populares e republicanos por toda a cidade. Até então, Robespierre tinha se alojado na rua Saintonge, na parte leste do Marais. Entretanto, no clima tenso pós-Campo de Marte, ele se sentia vulnerável ali, e Duplay veio em seu auxílio oferecer acomodações que proporcionariam maior proteção: a rua Saint-Honoré, 366, abriga a carpintaria de Duplay, bem como sua casa, e o portão da rua dá num pátio onde intimidantes aprendizes de carpinteiro e diaristas exercem o ofício de seu mestre.

Com o advento da Assembleia Legislativa em setembro de 1791 marcando o fim de seu mandato como deputado, Robespierre optou por não retornar a Arras, mas permanecer em Paris, e desenvolver ainda mais seu papel de defensor da soberania popular, em parte por meio do jornalismo e em parte por meio de uma ação contínua no Clube Jacobino. Nesse período, ele firmou laços duradouros e poderosos com o emergente movimento *sans-culotte* de radicais de rua, principalmente nos dias que antecederam a *journée* de 10 de agosto de 1792, que provocou a queda do rei. Depois de ingressar na insurrecional Comuna de Paris, criada no momento da transição para a República, ele desempenhou um papel ativo na radicalização da capital e na eleição de seus deputados (incluindo ele mesmo) para a nova assembleia, a Convenção.

A essa altura, a guerra com a Europa havia começado a redefinir o significado da Revolução. Inicialmente, Robespierre havia se distanciado dos apelos à guerra que começaram a ser feitos na assembleia

nacional no final de 1791 e início de 1792 por um agrupamento precário de deputados conhecido como girondinos ou brissotinos (alguns deles vindos de Gironda, departamento próximo a Bordeaux, enquanto o deputado e jornalista Jacques-Pierre Brissot, ex-amigo e ex-aliado de Robespierre, era seu líder mais destacado). No entanto, embora Robespierre tivesse naturalmente abraçado a causa patriota quando a guerra contra os austríacos foi declarada, em abril de 1792, o antagonismo girondino em relação a ele e seus companheiros montanhese cresceu sem parar à medida que a escala do conflito internacional se ampliou para envolver a maioria das outras potências europeias, incluindo a Grã-Bretanha. Os girondinos criticavam ferozmente o modo como os montanhese favoreciam uma abordagem populista e autoritária na condução da guerra. Em particular, atacaram ruidosamente os *sans-culottes* parisienses, sobretudo após o sangrento episódio dos Massacres de Setembro de 1792. Com a pressão *sans-culotte* aumentando contra eles, o deputado Maximin Isnard, do grupo girondino, enquanto presidia a Convenção em 28 de maio de 1793, alertou uma delegação da Comuna de Paris de que eles lançariam um ataque contra os representantes da nação: “Paris seria destruída e as pessoas vasculhariam as margens do Sena em busca de vestígios da cidade”. Robespierre, em contraste, defendeu o povo parisiense contra tais provocações girondinas e manobrou com ele para que Brissot e seus colegas fossem expulsos da Convenção.

O ódio recíproco entre os dois lados culminou nas duas *journées* de 31 de maio e 2 de junho de 1793. Naqueles dias, os montanhese se aliaram ao movimento *sans-culotte* parisiense para forçar a Convenção a prender e expulsar os líderes girondinos – inicialmente 22 e, no fim, 29 deputados, mais dois ministros. Crucial para a operação foi François Hanriot, um humilde *sans-culotte* empurrado pela crise para o papel de comandante de fato da GN de Paris. Em um golpe inspirado, embora sinistro, Hanriot reuniu por volta de 80 mil guardas ao redor do Palácio da Convenção e ameaçou os deputados com a substituição caso não agissem contra os girondinos.

O expurgo parlamentar que se seguiu levou grandes áreas da França provinciana a uma resistência armada antipariense na Revolta Federalista de meados de 1793. Além disso, nas fronteiras, o exército da Convenção sofreu uma série de derrotas militares nessa época: tropas

estrangeiras se espalharam por todas as fronteiras, dos Pirineus ao Reno; não se podia contar com a lealdade dos generais; uma revolta camponesa monarquista desencadeou uma guerra civil no departamento de Vendée, no oeste da França; ameaça de fome; e o governo central foi paralisado pela luta de facções. Quando Robespierre ingressou no CSP, em 27 de julho de 1793, a sorte da República estava em seu ponto mais baixo.

Que diferença um ano faz! Em doze meses, a República mostrou uma recuperação surpreendente. Esse ponto foi sublinhado na Convenção apenas dois dias antes, em 25 de julho de 1794 (7 Termidor), por Bertrand Barère, colega de Robespierre no CSP. Ele destacou quão longe a França avançara desde aqueles dias sombrios de meados de 1793. Aos poucos, no fim do verão de 1793, com os girondinos fora do caminho (22 deles seriam guilhotinados em outubro), os montanheses reocuparam e revigoraram os dois Comitês de Governo – o CSP e o CSG – para torná-los capazes de promover uma ação efetiva em todas as frentes. A ação militar colocou Vendée sob controle. A Revolta Federalista foi contida e as principais cidades que a tinham apoiado (Lyon, Marselha, Toulon) foram recapturadas dos rebeldes e brutalmente punidas. Lyon, em particular, foi escolhida para receber um tratamento especial. A cidade perdeu até mesmo sua identidade. A partir de então, era “Ville-Affranchie” (“Cidade Libertada”), e suas muralhas e muitas residências particulares foram arrasadas, enquanto uma comissão militar aplicava uma repressão brutal. Além disso, todas as fronteiras foram limpas de tropas estrangeiras. De fato, após a Batalha de Fleurus no final de junho de 1794, as tropas francesas estão levando a batalha de volta para território inimigo e avançando para os Países Baixos. Em outras frentes também se veem melhoras marcantes. Embora ainda haja escassez de alimentos, o espectro da fome foi dissipado, com medidas especiais mantendo Paris abastecida. O sistema judiciário, organizado em torno do Tribunal Revolucionário de Paris, está livrando a França de traidores, enquanto as forças policiais têm frustrado conspirações, notadamente dentro do sistema prisional da cidade.

Embora Barère tenha concluído sua fala celebrando o crescente espírito de calma em todo o país, ele avistou uma nuvem em um horizonte amplamente ensolarado: a saber, pessoas das classes mais pobres foram ouvidas na Convenção pedindo “um novo 31 de maio”, outro

expurgo da assembleia liderado pelos *sans-culottes*. Embora os deputados agora aceitem totalmente o resultado das *journées* antigirondinas de 31 de maio e 2 de junho de 1793, ninguém quer ver aquilo acontecendo de novo. O discurso de Barère enfatizou que uma ação como aquela agora não seria apenas perigosa para a causa revolucionária; também seria redundante, pois, por mais que ainda haja algum caminho a percorrer antes que o triunfo da República seja total, em sua essência o governo não poderia estar funcionando melhor. As ameaças de Paris estão completamente fora de sintonia com a realidade e levariam a França ao caminho da contrarrevolução.

Robespierre não estava presente na assembleia durante o discurso de Barère. E seu senso de “realidade” presente difere muito do brilhantemente elaborado por seu colega de CSP. O campeão da causa popular rejeita absolutamente que este último culpe implicitamente o povo de Paris por ameaçar a República. Não é o povo quem cria problemas, mas seus representantes na assembleia nacional. Para Robespierre, falar de uma repetição da *journée* de 31 de maio é desviar o foco para não reconhecer que, nos últimos meses, uma conspiração financiada por estrangeiros penetrou no coração do sistema político. Potências estrangeiras têm secretamente subornado revolucionários, plantado propaganda na imprensa e estimulado lutas internas dentro da elite política. Muitos dos políticos mais flagrantemente corruptos envolvidos nessa Conspiração Estrangeira foram executados após julgamentos perante o Tribunal Revolucionário em março e abril de 1794: primeiro o agrupamento radical hebertista, criado em torno do político municipal Jacques-René Hébert, e depois um conjunto mais moderado de deputados em torno de Georges Danton e Camille Desmoulins, que desejavam abrandar o ritmo do terror. Infelizmente, acredita Robespierre, o câncer da corrupção não foi completamente extirpado. Por alguns meses, ele importunou os colegas do CSP a fim de que acordassem para a realidade dessa conspiração e pedissem a remoção de conspiradores financiados por estrangeiros. Ao fazerem ouvidos moucos aos seus apelos, eles mesmos se tornaram parte do problema. A pessoa deixa de encarar os fatos sobre o inimigo e se torna o próprio inimigo.

O profundo pessimismo de Robespierre em relação ao governo que integra baseia-se na convicção de que este quebrou o contrato firmado

com o povo em 1793. A corrupção dentro do governo não apenas contaminou esse relacionamento, ele acredita, mas também exerceu um efeito extremamente deletério sobre a própria população. A noção altamente unitária do povo, que ele acalentava no início da Revolução, começou a desmoronar com o decorrer do governo. Ele agora sente que não há um, mas dois povos: um é formado pela “massa do povo, pura, simples, sedenta de justiça, amiga da liberdade”. Esse é o “povo virtuoso que derramou seu sangue para fundar a República”. O outro, ao contrário, é “uma raça impura”, uma “mistura de intrigantes ambiciosos, um povo boquirroto, charlatão e artificial que engana a opinião pública” e que constitui a fonte de todos os males da nação. Um governo corrupto dá sustento à “raça impura” em vez do “povo virtuoso”.

Foi com um sentimento de purificar o governo que Robespierre concordou em entrar no CSP em 27 de julho de 1793. Tratou-se, ele afirma, de uma promoção que não buscou ativamente. Certamente, ser colocado em uma instituição poderosa que governava o país em condições de crise era algo totalmente novo para ele. Ele tinha sido a consciência da Revolução e a mosca na sopa de políticos corruptos. Sua carreira foi construída como um *outsider* olhando para as entranhas do poder; agora, subitamente, ele tinha o status de *insider* imposto sobre si. Não foi fácil essa transição de caçador diletante para caçador profissional, pois Robespierre geralmente se alinha à visão republicana clássica de que o perigo da corrupção sempre espreita perto do coração do governo. Ele mal tinha se tornado um membro do CSP – apenas três semanas – quando relatou à Convenção seu choque com o comportamento criminoso do comitê. Suas queixas sobre a má-fé dos colegas desapareceram nos meses seguintes, mas ressurgiram com força nas últimas semanas.

A falta de traquejo de Robespierre é notória. Foi pesada a piada de Danton segundo a qual Robespierre seria incapaz de cozinhar um ovo para não morrer de fome. Mas ele de fato não trouxe para sua função dentro do CSP quase nenhuma habilidade gerencial ou prática. Praticamente sozinho entre os políticos proeminentes da Convenção, ele nunca se sentou em um comitê de assembleia, nem desenvolveu as habilidades políticas de busca de compromisso e de criação de consenso que acompanham a gestão de um comitê ou a função de relator. Ele nunca dirigiu

nada na vida. Tendo estudado Direito e então exercido a profissão de advogado autônomo antes de 1789, seu conhecimento especializado é altamente limitado. Sua cultura em relações internacionais é nula. Ele expressa total ignorância sobre assuntos militares (e de fato se vangloria disso), exceto por uma predileção por generais “patrióticos” em vez de aristocráticos. E ele é pouco mais que um nêscio em questões financeiras (“O dinheiro assusta Robespierre”, Danton disse certa vez). Na verdade, ele é um dos poucos colegas desorganizados demais para conseguir receber pessoalmente o contracheque como deputado.

Embora ao entrar no CSP Robespierre tivesse o entusiasmo de um neófito por reformar processos de comissões, em pouco tempo se cansou de ser a nova vassoura gerencial e passou a se especializar no que faz de melhor: falar. Seu registro legislativo é magro. Foram seus discursos e seu caráter, e não suas realizações concretas ou a gama de suas competências práticas, os responsáveis por trazê-lo para o CSP. Parece verdade o que Jean-Paul Marat disse uma vez sobre ele:

— A única ambição que tem é falar na tribuna... Ele tem tão pouco de líder partidário que foge de qualquer grupo que pareça tumultuado e empalidece ao ver um sabre desembainhado.

O que ele ofereceu desde o início (acredita seu colega de CSP Jacques-Nicolas Billaud-Varenne) foram “as virtudes mais austeras, a dedicação mais completa e o mais puro dos princípios”. Seus colegas lhe permitiram mostrar essas virtudes, para benefício de todos, em uma eloquência poderosa e carismática que coroou o Governo Revolucionário com uma poderosa aura de legitimidade e elevados níveis de popularidade e assentimento republicano ao propósito comum. Isso tem mudado recentemente, mas no ano passado ele prestou um serviço exemplar ao Governo Revolucionário ao ser capaz de combinar a capacidade de ganhar apoio popular para a política do governo com uma dureza que mantém dócil e sem reclamar uma Convenção potencialmente indisciplinada.

Basta olhar para os discursos de Robespierre na assembleia nacional ou no Clube Jacobino desde os primeiros dias da Revolução para compreender sua voz poderosamente distinta e sua visão inspiradora de um

novo e regenerado mundo de virtude política. Na Assembleia Constituinte entre 1789 e 1791, ele defendeu destemidamente o povo, lutou por direitos individuais em vez de direitos de propriedade, defendeu vigorosamente a liberdade de expressão, pregou a tolerância religiosa, exigiu reformas judiciais humanitárias, incluindo a abolição da pena de morte, e aderiu à causa anticolonialista (que culminou com a abolição da escravidão em fevereiro de 1794). Ele fez contribuições importantes para os debates sobre a Constituição de 1793, a carta mais democrática do mundo (embora atualmente suspensa). Antes da Revolução, Robespierre também defendia o direito das mulheres de fazerem parte dos debates intelectuais e da vida pública. Se ele recentemente se calou sobre essa causa, foi sobretudo porque os deputados acreditam que as mulheres pertencem ao reino da vida privada. As mulheres, no entanto, sentem que ele é um espírito simpático, e ele goza de muita popularidade feminina, levando os inimigos a zombar de suas “idólatras” nas galerias públicas.

Em sua melhor forma, ele pode lançar um feitiço sobre os ouvintes de ambos os sexos, permitindo-lhes vislumbrar um mundo melhor e mais justo. Quando está inspirado, a retórica de Robespierre tem poderes hipnotizantes, quase mágicos, que nenhum outro político pode igualar. Alguns aspectos dessa visão edificante, fundamentada nos direitos individuais, tiveram que ser suspensos por causa da emergência da guerra. Mesmo assim, e apesar de ainda ser ridicularizado por alguns colegas deputados como um visionário utópico, ele preservou o sentido da Revolução como uma oportunidade para a humanidade regenerada aceder a um destino nobre, destino esse que ele concebe como a república da virtude que formou a base de seus grandes discursos durante o último ano. A melhor compreensão de detalhes de Billaud-Varenne fez dele, em vez de Robespierre, o redator do CSP e relator da Lei de 14 Frimário (4 de dezembro de 1793), a peça legislativa que estabelece os mecanismos do Governo Revolucionário. Da mesma forma, a competência de Barère em relações internacionais o torna o melhor portador de notícias da frente de batalha, e é ele, e não Robespierre, quem introduz grandes reformas de assistência aos pobres. No entanto, foi Robespierre quem assumiu a tarefa de apresentar uma lógica moral coerente e apaixonada para o Governo Revolucionário, inspirando

e justificando as atividades do governo. Isso inclui o uso do terror. O terror não é novidade: tem sido a personificação da soberania ao longo do tempo, especialmente em momentos de crise do Estado. O Governo Revolucionário, argumenta Robespierre, colocou isso em uma base nova e moralmente defensável, devido ao fato de a soberania na nova República estar incorporada ao povo, e não à pessoa do governante. Considerando esse fundamento, o governo agora emprega livremente o terror no exercício do que ele chama de “despotismo da liberdade contra a tirania”. Isso traz uma conjunção de virtude e terror que é nova na história da humanidade:

— O terror sem a virtude é destrutivo; a virtude sem o terror é impotente. O terror é apenas justiça imediata, severa e inflexível; é, assim, uma emanção da virtude.

O profundo envolvimento emocional de Robespierre em seus discursos aumenta o impacto deles. Seus sentimentos estão sempre à flor da pele. Ele é dolorosamente sincero em todas as suas palavras e ações, oferecendo um modelo exemplar de atuação nobre no estilo de seu grande ídolo, Jean-Jacques Rousseau, o apóstolo da transparência moral. O ponto alto de toda a Revolução para Robespierre foi provavelmente quando, em 8 de junho de 1794 (20 Prairial), ele oficiou o Festival do Ser Supremo, que se seguiu à legislação que ele tinha idealizado e dirigido por meio da assembleia, estabelecendo uma forma de celebração deísta que buscava devolver o ateísmo ao passado. A resposta entusiástica que o festival provocou no povo de Paris, percebida por ele, reforçou sua convicção apaixonada de que a Revolução marcou uma nova época na história. Ele não enxerga um regresso à Constituição democrática de 1793 como uma prioridade do governo: na verdade, nas circunstâncias atuais, ele enxerga aqueles que o exigem como os perigosos herdeiros dos radicais hebertistas que foram esmagados na primavera. Em vez disso, ele insta o governo a trabalhar com a assembleia nacional vigente em direção à regeneração humana por meio de instituições sociais como festivais públicos, seu projeto Ser Supremo, reformas educacionais e esquemas de bem-estar social. Combinados com o terror, eles direcionarão as pessoas para os caminhos da virtude.

Não há tons de cinza na oratória de Maximilien Robespierre, tampouco em sua visão de mundo. Seus discursos retratam um mundo com contornos nítidos no qual os puros, os moralmente corretos e os patrióticos combatem heroicamente todos os tipos de homens e mulheres corruptos na nobre tarefa de autorreforma da humanidade em busca da virtude. Essa simplificação extrema do cenário político, fortalecida pela inevitável polarização da política em tempos de guerra, combina-se a um compromisso inabalável, abnegado e rousseauiano com a causa. O tipo de arco narrativo melodramático e sentimental que estrutura seus discursos, e que muitas vezes evoca sua própria morte pela causa da liberdade, não é novo: ele o usava antes mesmo de a Revolução começar, e a utilizou ao longo de sua carreira revolucionária. E Robespierre não está sozinho. Mas é, sem dúvida, seu tropo de assinatura, que tem o poder de instilar um frisson adicional em seus ouvintes.

A habilidade de Robespierre de emocionar e inspirar sua audiência por meio do poder das palavras é ainda mais impressionante por ele não ser um orador nato. Ele admite ter medo de falar em público, pelo menos até o momento em que abre a boca. Sua voz, influenciada por um sotaque provinciano fora de moda, é fina e muitas vezes soa um pouco tensa. Ela ecoa mal no cavernoso salão da assembleia. Sua postura na tribuna é restrita e desajeitada, e ele carece de gestos expansivos ao estilo de Danton. Ele também tem o hábito, que alguns julgam irritante (embora também chame a atenção), de falar devagar e fazer pausas dramáticas, enquanto ajusta os óculos de lentes verdes que costuma usar. Seus discursos podem ser muito longos – e para os não convertidos parecem ainda mais longos.

Talvez o calcanhar de aquiles de Robespierre como orador seja sua sensibilidade ao deboche e ao humor. Ele é notoriamente sensível e se mantém tão firme em sua dignidade que quase convida a uma provocação travessa. Sob a Assembleia Constituinte, seus oponentes aristocráticos provocaram Robespierre escrevendo e pronunciando seu nome como Roberts-pierre, alegando uma conexão familiar (completamente fictícia) com o infame Robert Damiens, aquele que supostamente tentou assassinar Luís XV em 1757. Então, novamente, algumas semanas antes, o membro do CSG Marc-Guillaume-Alexis Vadier pisou no calo de Robespierre ao mencionar o caso de uma obscura profetisa visionária

chamada Catherine Théot que, Vadier afirmou, chamava a si mesma de “Mãe de Deus” e considerava Robespierre o Messias, um pensamento que provocou ondas de risos mal reprimidos à sua custa em uma assembleia que estivera bastante sombria nos últimos tempos. Robespierre proibiu pessoalmente que o caso Théot fosse levado ao Tribunal Revolucionário, de uma forma que levou as pessoas a suporem que ele tinha algo a esconder ou simplesmente não queria se expor a mais zombaria.

Apesar desses pontos fracos, Robespierre alcançou um domínio retórico sobre seu público de várias maneiras. Ele é particularmente hábil em lidar com procedimentos parlamentares e sabe como chamar a atenção por meio de intervenções em debates e do uso de questões de ordem. Se uma de suas próprias questões de ordem é rejeitada, ele é capaz de replicar com violência verbal, invocando os princípios mais elevados e sua própria desordem emocional ao ser desafiado de forma tão estridente que o orador é forçado a ceder. Em uma ocasião que ficou famosa, ele só conseguiu chegar à tribuna gritando “Deixe-me falar ou então me mate”. Por outro lado, uma vez na tribuna, ele também é um mestre em derrubar objeções e questões de ordem do plenário: quando o deputado pró-girondinos Carra, em um discurso de agosto de 1793, tentou levantar uma questão de ordem assim que Robespierre o mencionou, Robespierre o calou com: “Não é apropriado que conspiradores interrompam o defensor da liberdade”. Robespierre também pode ocasionalmente afetar um olhar medúseo, silencioso, semelhante a um basilisco, capaz de parar homens adultos em seus caminhos e induzir um desespero devastador. Por fim, ele recorre a invocar a concordância dos seus apoiadores nas galerias públicas ou então a associá-los à sua suposta vitimização como forma de silenciar e intimidar os opositores.

Se o humor de Robespierre está instável esta noite, e seus sentimentos, intensos e taciturnos, é porque hoje – ou melhor, ontem, 26 de julho ou 8 Termidor – esse repertório de técnicas de dominação retórica foi considerado insuficiente. O longo discurso de duas horas que ele fez na Convenção foi o primeiro que proferiu desde 12 de junho. Acabou inspirando uma hostilidade ruidosa e articulada que ele simplesmente não experimentara como membro do CSP.

Robespierre apresentou suas observações como vindas de um simples deputado, um mero cidadão, e não um membro do governo do

qual, ele admite livremente, se ausentara nas últimas seis semanas. Despojado da responsabilidade perante o governo, ele se sentiu mais livre, afirmou, para falar a verdade ao poder, desvendar conluios e denunciar conspirações. Ao “abrir o coração”, ele esperava que as “verdades úteis” que oferecia pudessem harmonizar a discórdia na Convenção e orientar o pensamento do povo. Ele representou a si mesmo como um outsider ardente, uma força oposicionista apaixonada, que equipara sua própria identidade e destino à revolução popular que ele sempre defendera. A liberdade pública está sendo violada, e o nome inocente de Robespierre está sendo caluniado e ultrajado. Seus inimigos são os inimigos da Revolução: ataques a ele são ataques à Revolução e ao povo. Seus oponentes alimentam a imprensa britânica com historinhas de suas intenções tirânicas, exageram seu envolvimento passageiro no policiamento e difundem mentiras sobre seus supostos planos de enviar dezenas de colegas deputados para o Tribunal Revolucionário e a guilhotina. Os conspiradores estão erguendo “um sistema de terror”: deputados assustados já não dormem à noite. Risivelmente, eles afirmam que ele deseja ser um ditador. Ele não é um ditador – “Se eu fosse”, observou sombriamente, os inimigos “estariam rastejando aos meus pés”.

No início de seu discurso, Robespierre anunciou que, objetivando encorajar a harmonia, não faria acusações. No entanto, à medida que seu discurso se desenvolveu, ficou claro que ele de fato tem alvos específicos em vista, a saber, os grupos de homens imorais, muitas vezes ateus e às vezes implacáveis, que, ele acredita, já há alguns meses têm conspirado com ajuda estrangeira contra ele e contra a República. Ex-nobres, emigrados e bandidos – ele deve estar pensando em Dossonville – se insinuaram na burocracia do CSG. A administração financeira é outro alvo. O CSP manteve-se fora dos assuntos financeiros, mas a legislação recente, que afeta adversamente os pequenos poupadores, sugere que o Comitê de Finanças da Convenção, chefiado pelos deputados Cambon, Mallarmé e Flamel, caiu em mãos corruptas e aristocráticas, enquanto seu chefe do Tesouro, Lhermina, é um hipócrita contrarrevolucionário.

Dramaticamente, Robespierre não poupou os Comitês de Governo de seus ataques verbais. Não apenas a burocracia do CSG está repleta de contrarrevolucionários, de acordo com Robespierre, mas todo o comitê concordou com o uso de Vadier do caso Catherine Théot para miná-lo

e ridicularizá-lo. O CSP é um pouco melhor, e, embora Robespierre geralmente evite citar nomes, suas referências veladas atingem o alvo. O exército pode estar vencendo batalhas no front, mas a política de guerra – nas mãos de seu colega do CSP Lazare Carnot – ameaça desencadear a tirania. É preocupante que Paris tenha ficado indefesa com a decisão de Carnot de transferir unidades seccionais de artilharia da cidade para o front. Robespierre tem outro colega na mira, Barère, quando repreende a “leveza acadêmica” que este exhibe ao anunciar sucessos militares de uma forma que corre o risco de jogar com o “despotismo militar”. Robespierre também teve palavras amargas, embora veladas, para seus colegas Billaud-Varenne e Jean-Marie Collot d’Herbois, que hipocritamente reivindicam sua amizade, mesmo enquanto conspiram contra ele e sussurram que é um novo Catilina, o romano aspirante a ditador, ou então Pisístrato, o tirano ateniense.

Os atos contrarrevolucionários que esses membros do governo estão praticando têm causado disfuncionalidade na condução das políticas definidas pela Convenção. Eles não apenas adiaram o advento da república da virtude como ameaçam dizimar tudo o que a Revolução alcançou. O CSP e o CSG não estão fazendo seu trabalho. As forças da ordem precisam reprimir para impedir que contrarrevolucionários empedernidos conspiram abertamente na capital. O Tribunal Revolucionário deve ser defendido e a instituição fortalecida para permitir que ela faça o seu trabalho de forma eficaz. A lei que proíbe a captura de prisioneiros de guerra britânicos não foi executada com rigor suficiente; ela deve ser devidamente aplicada.

Como sempre, o discurso de Robespierre no 8 Termidor foi repleto de voos retóricos destinados a mostrar seu compromisso apaixonado com a causa revolucionária. Ele procurou provocar piedade, admiração e emulação. Ele não é, declara, um ditador, mas um “escravo da liberdade, o mártir vivo da República, mais que um inimigo, uma vítima do crime”. Ele salpicou sua fala com anedotas que o mostraram recebendo as pedras e flechas de seus ultrajantes adversários: insultos que sofreu de colegas deputados enquanto presidia o glorioso Festival do Ser Supremo; calúnias espalhadas sobre ele pelo duque de York, comandante das forças armadas britânicas no continente; zombaria dirigida contra sua pessoa (por Vadier); traição (de Cambon); rivalidade (de Carnot); e assim por

diante. Encerrou sua peroração com um floreio, afirmando que sempre combatera o crime e não poderia mais fazer parte de um governo que governasse criminalmente. O caçador profissional claramente retornava ao amadorismo.

O discurso de Robespierre pretendia não acusar; no entanto, fez pouco mais que isso. Foi uma rejeição total ao hino de louvor ao governo que Barère tinha enunciado no dia anterior. Notavelmente, alguma palavra indicando conspiração (conspirador, conspiração, complô, facção etc.) apareceu em quase todos os minutos de seu discurso de duas horas. Embora afirmasse estar pregando a harmonia, o discurso semeou a discórdia e exalou ameaça. Apesar das evocações marcantes de sua própria morte, o discurso de Robespierre o fez soar aos deputados menos como um homem que está pronto para morrer do que como um homem que quer matar.

Mesmo não mencionando quase ninguém pelo nome, exceto os estelões do Comitê de Finanças, ele fez uma lista precisa de demandas: traidores na Convenção e até mesmo no coração do governo precisam ser erradicados; o CSP e o CSG devem ser purgados; a burocracia do CSG também deve ser subordinada a um CSP renovado, e seus funcionários executados como traidores; e a Comissão de Finanças e seus funcionários requerem praticamente o mesmo tratamento.

Robespierre tem sido uma figura tão importante no Governo Revolucionário, e liderou tantas iniciativas envolvendo e legitimando o terror, que seu discurso, pontuado por ocasionais aplausos, foi ouvido com atenção extasiada, porém cada vez mais chocada. Ele aparentemente estava mostrando à assembleia que os inimigos dele e do povo agora vêm dos montanheses, seus antigos aliados. Seu apelo é, portanto (como indicou ao senhorio Duplay naquela noite), aos deputados centristas da Planície. Homens bons e corretos – *hommes de bien* –, ele enfatiza, devem entender que suas intenções para com eles agora são puras e que tem com eles um inimigo comum em homens sanguinários, homens pervertidos, homens corruptos.

A extensão inesperada e o conteúdo explosivo do discurso lançaram a Convenção em um dilema. A incerteza perplexa dos deputados sobre como reagir ficou evidente nas duas primeiras intervenções que se seguiram, de montanheses que eram inimigos ferrenhos de Robespierre.

Primeiro, Laurent Lecointre pôs-se de pé para propor a publicação imediata do texto: a impressão e a divulgação de discursos como panfletos eram uma honra reservada apenas às falas mais significativas. No entanto, o gesto só pode ter surgido do medo de Lecointre perder a própria pele, já que há meses ele expressa abertamente seu ódio ao Incorrupível. Em seguida, Bourdon de l'Oise, um dos perenes bodes expiatórios de Robespierre, ofereceu uma resposta mais astuta e corajosa ao pedir que o texto fosse levado primeiro para comentários do CSP e do CSG. Como Robespierre percebeu imediatamente, isso equivalia a enviar o texto a homens que ele acabara de acusar de traidores.

Couthon, aliado de Robespierre, correu em seu auxílio, exigindo que o discurso não fosse apenas publicado, mas também enviado a todas as comunas do país. O debate parecia estar à deriva quando foi surpreendentemente transformado por Joseph Cambon, homem de negócios de Montpellier e presidente do Comitê de Finanças que Robespierre tinha escolhido atacar. Ele se lançou à tribuna para desferir um ataque violento. Em um discurso furioso (mas sem dúvida também assustado), Cambon defendeu apaixonadamente o trabalho de seu comitê, vangloriou-se de seu próprio patriotismo tão profundamente sentido quanto o de Robespierre e concluiu:

— É hora de dizer toda a verdade: um único indivíduo está paralisando a vontade da Convenção, e esse homem acabou de falar; é Robespierre!

A fúria de Cambon e o nível surpreendentemente alto de aplausos que gerou fizeram as passadas de Robespierre perderem o ritmo, e ele respondeu com franqueza, admitindo que nada sabia sobre finanças e confessando que estava baseando sua crítica em boatos, o que provocou uma resposta desdenhosa de Cambon. Faz muito tempo que Robespierre não recebe esse tipo de tratamento em público. A resposta entusiástica que Cambon provocou nas bancadas dos deputados é um sinal preocupante para ele.

Como se para enfatizar o novo clima anti-Robespierre, Billaud-Varenne agora se intrometeu novamente: se Robespierre tivesse se dado ao trabalho de comparecer ao CSP nas últimas seis semanas, não teria feito

tantas declarações falsas. Ele propôs que o discurso de Robespierre fosse de fato levado aos Comitês de Governo para consideração. Os deputados gritaram impetuosamente seu apoio.

Embora os alvos mais óbvios do discurso de Robespierre fossem bastante claros, a deliberada vagueza sobre a escala dos expurgos que ele propunha estava provocando ansiedade nervosa. Étienne-Jean Panis, um deputado que já fora próximo de Robespierre, agora ousadamente abriu uma nova linha de ataque. Ele simplesmente queria saber: a lista de expurgos de Robespierre incluía o nome dele? Recentemente, ele fora informado ao sair do Clube Jacobino que sim. Isso era verdade? E o notório *bête noire* de Robespierre, o deputado Joseph Fouché, também estava na lista? Robespierre estava agora completamente recuado. Desafiado novamente a citar nomes, com deputados quase o provocando, desistiu categoricamente e ignorou a questão de saber se ele de fato tinha uma lista de proscritos.

Toda uma fileira de deputados montanheses, incluindo Louis-Stanislas Fréron, outro dos arqui-inimigos de Robespierre, levantou-se para condenar a ideia de o discurso ter ampla divulgação. Como observou André Amar, membro do CSG, enviá-lo para difusão instantânea privaria os acusados no discurso de Robespierre do legítimo direito de resposta. Por fim foi acordado que o discurso deveria de fato ser publicado, mas por enquanto distribuído apenas aos membros da Convenção.

No encerramento da sessão, um dos escreventes da Convenção pediu a Robespierre o manuscrito de seu discurso. Tem sido sua prática revisar seus discursos antes de serem publicados. Suas anotações para a sessão estavam uma bagunça, então ele indicou debilmente que encaminharia o texto em uma data posterior.

O deputado moderado Jean-Baptiste Mailhe entrou em conflito com Robespierre tantas vezes no passado que combate o desespero em relação a seu destino tentando sentar-se ao lado dele sempre que possível. Agora, Mailhe vê um Robespierre humilhado e castigado voltar ao seu lugar murmurando para si mesmo: “Estou perdido!”. Os montanheses o tinham deserdado, ele perdera o apoio da Convenção, e o termo “ditador” fora associado a sua pessoa. Será que, mais tarde naquela noite, o Clube Jacobino seria ao menos acolhedor? Eles o defenderiam contra a grave acusação de conspirar para se tornar um ditador?